

A ESCOLHA DE MERLEAU-PONTY PELA ESCRITA MODERNA DE VALÉRY NO CURSO *RECHERCHES SUR L'USAGE LITTÉRAIRE DU LANGAGE*

Iracy Ferreira dos Santos Júnior*

Resumo: O presente artigo pretende explorar a indagação de Merleau-Ponty acerca do que o escritor (literatura) pode oferecer ao filósofo (filosofia), a partir de uma leitura das notas de seu curso no Collège de France, intitulado *Recherches sur l'usage littéraire du langage*. Primeiro, visa apontar as diferenças entre a literatura clássica e a literatura moderna, delineando o que se configura, para Merleau-Ponty, o uso literário da linguagem. Em seguida, demonstra como Valéry, escolhido por Merleau-Ponty nesse curso, conjuga os paradoxos e as contradições inerentes à literatura moderna, na qual não se separam obra e vida e conserva uma tensão entre escrever e viver. Nesse sentido, o artigo mostra a leitura que o filósofo francês realiza do silêncio/crise de Valéry face à arbitrariedade da linguagem, fazendo desse silêncio condição para desvelar, através da poesia, uma linguagem inumana, instituinte. Por fim, elucida a torsão que Merleau-Ponty opera na noção de poesia de Valéry ao pensá-la não mais numa relação de distinção ou oposição com a prosa, mas como linguagem conquistadora, *falante*, cuja expressividade se dá na união mística do som com o sentido, podendo agora ser aplicada a todo gesto linguístico e por todo aquele que lida com a palavra¹.
Palavras-chave: Merleau-Ponty; Valéry; Literatura Moderna; Linguagem; Poesia.

Abstract: This article intends to explore Merleau-Ponty's question about what the writer (literature) can offer to the philosopher (philosophy), from a reading of the notes of his course at the Collège de France, entitled *Recherches sur l'usage littéraire du langage*. First, it aims to point out differences between classical and modern literature, outlining what constitutes, for Merleau-Ponty, the literary use of language. It then demonstrates how Valéry, chosen by Merleau-Ponty in this course, conjugates paradoxes and contradictions inherent to the modern literature, in which work and life are not separated and maintains a tension between writing and living. In this sense, the article shows the reading that the French philosopher holds of Valéry's silence/crisis in the face of the arbitrariness of language, making this silence a condition to unveil, through poetry, an inhuman, instituting language. Finally, it elucidates the twist that Merleau-Ponty operates in Valéry's notion of poetry when thinking it no longer as a relation of distinction or opposition with prose, but as a conquering language, a *speaking* language, whose expressiveness occurs in the mystical union of the sound with sense, and can now be applied to every linguistic gesture and by everyone who deals with words.

Keywords: Merleau-Ponty; Valéry; Modern Literature; Language; Poetry.

* Doutorando em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: jrgbi@usp.br

¹ O artigo é uma ampliação da leitura que foi realizada no trabalho de dissertação do autor, especificamente na terceira seção: SANTOS JÚNIOR, I. F. *A literatura na filosofia de Merleau-Ponty*: uma leitura do período intermediário de seu pensamento. Ano de obtenção: jan. 2020. Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

O que o escritor pode oferecer ao filósofo?

Em 1952-1953, Merleau-Ponty oferece o curso no Collège de France intitulado *Recherches sur l'usage littéraire du langage*, no qual objetiva investigar o uso literário da linguagem, procura definir “para além de suas obras, o *sentido* literário, a *expressão* literária, em que consistem” (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 86-87). Trata-se de uma meditação sobre a escrita da literatura, não somente enquanto forma singular de expressão do sensível, mas também como lugar possível de surgimento de uma verdade própria à literatura como passagem à idealidade ou à universalidade do sentido.

Curiosamente, no ano em que é chamado a ocupar a cadeira de Filosofia no Collège de France, Merleau-Ponty oferece um curso sobre a literatura. Em sua lição inaugural, faz um *Elogio à filosofia*. Com essa atitude, o filósofo francês parece querer fazer de sua disciplina um lugar da confrontação com a própria filosofia, encontrando na literatura, a partir da relação entre experiência e escrita, uma interlocução necessária para rever os parâmetros críticos e de autorrepresentação daquela, face à crise da razão no contexto francês do pós-guerra. Sem dúvida, investigar a literatura nesse momento histórico significava construir uma argumentação que visaria opor a fluidez e a vitalidade das “verdades da literatura” à pretensa abstração rígida que configuraria a filosofia de sua época. Diante disso, Merleau-Ponty parece se perguntar o que o escritor pode oferecer ao filósofo? Como a literatura institui uma “nova linguagem” diferente da linguagem encerrada, fechada no conceito? Por que um curso sobre o uso literário da linguagem? Qual literatura está em questão nessa análise?

Um dos aspectos que desperta o interesse de Merleau-Ponty pela literatura é, sem dúvida, a publicação da obra *O que é a literatura?* (1947), de Sartre, que, como diz Lefort, “causou-lhe profunda impressão e o confirmou em seu propósito de tratar dos problemas da expressão”, além de fazer com que ele se propusesse a escrever uma “espécie de *O que é literatura?*, com uma parte mais longa sobre o signo e a prosa” (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 15-16). A noção de “prosa”, mas também a de poesia, servirá de fio condutor para Merleau-Ponty se orientar em sua investigação sobre a linguagem literária. Pois, para ele, diferentemente do prosaico que se limita a abordar signos convencionais já instalados numa cultura, a “grande prosa é a arte de captar um sentido jamais objetivado

até então e de torná-lo acessível a todos os que falam a mesma língua” (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 45).

Ao fazer um elogio à filosofia, Merleau-Ponty sublinha que a potência criativa da filosofia emana justamente de suas imperfeições, de sua fraqueza aparente, de seu distanciamento e seus erros, quando ela assume sua vocação de questionar ao invés de se apoiar em dados estabelecidos e, por consequência, dotados pela cultura ou pelos sistemas de conhecimento. Ou seja, quando a filosofia se abstém de reivindicar a última palavra da verdade ou a infalibilidade de um método racional, quando assume que “claudica” e admite sua fragilidade e ambiguidade, é justamente nesse momento que ela abre a possibilidade da emergência de um sentido em devir². Então, compete à filosofia “transformar os automatismos” para se tornar assim “testemunha da sua própria investigação, isto é, da sua desordem interior” (MERLEAU-PONTY, 1953, p. 13). Destarte, ao se aproximar da literatura, a filosofia vislumbra um caminho possível para sua reformulação, pois, para Merleau-Ponty, o filósofo moderno “é em primeiro lugar um escritor” (MERLEAU-PONTY, 1953, p. 39). Por isso, esse pensador-escritor é convocado a encontrar na “linguagem falada” uma “linguagem falante”³, em estado nascente, a engendrar novas palavras para dizer o que correntemente escapa à observação e à compreensão.

O estudo desse curso no Collège de France permite perceber o surgimento de uma nova concepção de linguagem e um pensamento se fazendo. Desde antes, no texto *Le roman et le métaphysique* (1948), Merleau-Ponty parece ter entrevisto o quanto, na experiência da linguagem, as tarefas do escritor e do filósofo são próximas. Para ele, além de assumir as mesmas ambiguidades, filosofia e literatura “já não podem mais ser separadas” (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 36), já que a “obra de um grande romancista está sempre carregada de duas ou três ideias filosóficas” e a “função do romancista não é tematizar essas ideias, mas fazê-las existir diante de nós à maneira das coisas” (MERLEAU-

² “É impossível negar que a filosofia claudica. Habita a história e a vida, mas quereria instalar-se no seu centro, naquele ponto em que são advento, sentido nascente. Sente-se mal no já feito. Sendo expressão, só se realiza renunciando a coincidir com aquilo que exprime e afastando-se dele para lhe captar o sentido. [...] Suas próprias ações são testemunhos” (MERLEAU-PONTY, 1953, p. 59).

³ Nos escritos de *A prosa do mundo*, iniciados em 1951, influenciado pelo contato com a linguística de Saussure, Merleau-Ponty ampliará o escopo da linguagem, distinguindo entre linguagem falada, que é adquirida e desaparece diante do sentido do qual se tornou portadora, e linguagem falante, que se faz no momento da expressão e fará passar dos signos ao sentido (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 39). Essa linguagem falante possui um valor heurístico e uma função conquistadora, tornando-se a linguagem da literatura, do escritor em trabalho.

PONTY, 1996, p. 34). Nesse sentido, a literatura [moderna] contribui para sair de uma postura idealista, pois nela se torna “mais fácil [de] mostrar que a linguagem jamais é a vestimenta de um pensamento que se conhece a si mesmo com toda clareza” (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 44). Pelo contrário, sua linguagem conserva uma ambiguidade que possibilita a conquista de novas significações ao expressar um mundo sensível que está sempre por fazer-se.

Nas lições iniciais do curso *Recherches sur l'usage littéraire du langage*, Merleau-Ponty enfatiza sua escolha pela literatura moderna em contraposição à literatura clássica, metafísica (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 70-73)⁴. O período clássico considerava que a literatura nada tinha a oferecer, pois sempre funcionou sobre um fundo de um racionalismo incontestado e considerava a linguagem como um instrumento ou tradução do pensamento, além de compreender o mundo e a vida humana por meio de um agenciamento de conceitos (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 35). Na “atitude” clássica, operava-se uma linguagem literária que fazia dela algo óbvio, “comum”, uma língua fechada e perfeitamente organizada em suas estruturas de enunciação e significação. Contrariamente, em uma recusa à linguagem comum – em que a obra literária se reduz a transmitir ideias –, Merleau-Ponty examina meticulosamente a literatura moderna porque ela inaugura, no século XX, uma nova era da criação; transita em terrenos até então da filosofia, “refletindo tanto sobre a linguagem, sobre a verdade, sobre o sentido do ato de escrever” (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 173)⁵. Se se pode dizer, ela antecipa a filosofia em sua entrada na modernidade.

Aos olhos de Merleau-Ponty, a “atitude moderna” surge exatamente para descrever uma nova prática da literatura que se afirmava progressivamente junto com escritores. Essa nova fase da literatura moderna se torna crucial para pensar a relação complexa entre o sujeito e palavra, entre sensibilidade, afetividade e linguagem, entre escritor e leitor. Pois, essa literatura moderna faz emergir o próprio papel da linguagem e das convenções intersubjetivas na medida em que o trabalho de escrita suscita uma responsabilidade (*sinceridade*) daquele que se encarrega de manusear a linguagem (MERLEAU-PONTY,

⁴ Merleau-Ponty fala nas *Recherches sur l'usage littéraire du langage* sobre duas noções-chaves: “literatura moderna” e “literatura absoluta”, intimamente ligadas, chamadas a ultrapassar o estado da arte literária em sua época clássica (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 72-73).

⁵ Entretanto, ressalta-se que a opção pelas obras dos modernos não exclui a fecundidade existente na obra dos clássicos, pois o próprio Merleau-Ponty reconhece que “o problema para nós é fazer no nosso tempo e por meios de nossa própria experiência, o que os clássicos fizeram no tempo deles” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 76).

2013, p. 23. Prefácio). Por isso, Merleau-Ponty confia à literatura moderna os desafios teóricos de sua época: da racionalidade, da linguagem, da verdade, obrigando a filosofia, de certo modo, a se refazer ou, ao menos, esclarecer os novos problemas “modernos” colocados por esse “novo” modo de fazer literatura. Para Merleau-Ponty, depois de um longo tempo:

os escritores são sempre mais conscientes do que há de singular e mesmo de problemático em sua atividade. Escrever não é somente (se alguma vez o foi) enunciar o que se concebe. É trabalhar com um aparelho que dá ora mais, ora menos do que nele se colocou, e isso é apenas a consequência de uma série de paradoxos que fazem da profissão de escritor uma tarefa exaustiva e inesgotável (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 61-62).

A época moderna nasce, então, do fim da crença de confiar à representação, pictural ou verbal, um estatuto de verdade; nasce no momento em que o escritor admite a ambiguidade e a espontaneidade que a expressão literária carrega, sem jamais pretender ser inesgotável ou encerrada em si mesma. A literatura moderna se inscreve sob o signo da dúvida, da incompletude, do questionamento e da dificuldade em forjar uma linguagem em vez de adaptá-la a uma intenção de significação dada previamente. Pois, entre os escritores modernos, “não são as obras que permanecem inacabadas, mas o mundo mesmo, tal como eles o exprimem, é como se fosse uma obra sem conclusão, da qual não se sabe se jamais comportará uma” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 70). No romance moderno, o signo vai em direção a um sentido não encerrado, não concluído, traíndo assim o fato de que o escritor não se isola do fora ao qual faz referência, nem do que observa como seu dentro, muito menos de se dirigir ao seu leitor aleatório, desconhecido, diferente no tempo. Ou seja, o escritor reconhece um modo indireto de significação e uma escrita como exercício contínuo e descoberta de sua própria experiência.

Ao se interessar pela literatura moderna, Merleau-Ponty visa compreender como uma obra se reporta à vida que a vê nascer, dado que essa literatura contesta a fronteira entre vida e linguagem. Ao menos depois de Rimbaud e de Mallarmé, a expressão literária já não pode mais ser concebida como exposição de pensamentos já formados. Ambos “tinham em comum o fato de libertarem a linguagem do controle das ‘evidências’ e confiarem nela para inventar e conquistar relações de sentidos novos”. A linguagem cessa de ser um instrumento a serviço do escritor para se incorporar a ele; ela deixa de ser “a serva das significações”, para ser o próprio ato de significar. O escritor, como um tecelão, se instala na linguagem, lida apenas com ela e de repente se vê rodeado de sentido; ele vive a vida dela, não a governa, não é senhor da linguagem, só que, no entanto, ela nada

pode sem ele, por isso ele é profissional da linguagem e, por conseguinte, um profissional da insegurança (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 45; 263)⁶.

Na tentativa de se desfazer das certezas rígidas da época clássica, a literatura moderna, longe de ser um ponto de segurança e de tranquilidade, está “à mercê dos paradoxos” (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 73), carrega consigo contradições aparentes e só pode ser compreendida através daqueles⁷. Isso faz dela uma espécie de filosofia “em primeira pessoa”, em que aquele que escreve é sempre convidado a explicitar através da linguagem a relação que subsiste entre si mesmo e o que ele diz. Nisso consiste a tarefa da linguagem literária: fazer coincidir a escrita com a vida, nutrir a tensão entre escrever e viver e manter o paradoxo entre homem e autor que não se separam. Para elucidar essa tarefa, Merleau-Ponty recorre ao escritor Paul Valéry, em quem o filósofo francês vê a conservação dessa tensão entre vida e literatura e o exemplo paradigmático de um escritor em quem não se pode dissociar teoria e prática da literatura, nem obra e vida. Além disso, Valéry será, para Merleau-Ponty, esse escritor que busca na escrita uma linguagem para se desfazer da própria linguagem, que vê no espírito o poder sempre recomeçado da criação de um sentido, que se torna o *anti-filósofo*, o herói dessa mesma filosofia claudicante, ao mesmo tempo, frágil e potente, passível de ser elogiada (ZACCARELLO, 2019, p. 4. Grifo nosso).

Valéry e a absurdidade da linguagem

Merleau-Ponty demonstra ter um vasto conhecimento da produção e do percurso poético-literário de Valéry. Nas *Recherches sur l'usage littéraire du langage*, ele dedica seis lições a Valéry, comentando diversas passagens de suas obras sem desconsiderar as

⁶ O escritor “é como um novo idioma que se constrói, inventa para si meios de expressão e diversifica-se segundo seu próprio sentido” (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 45). A linguagem, ao incorporá-lo, tornando-se ele mesmo, prolonga em palavras a configuração da experiência esboçada no silêncio da vida perceptiva. A virtude do escritor não consiste em anunciar verdades objetivas ou ideias prontas, mas em seu *estilo*. Ele lida com a ambiguidade constitutiva da linguagem, com sua margem sensível, e revela, com sua atividade de escrita, uma função conquistadora nessa linguagem.

⁷ Nesse curso, Merleau-Ponty insiste que a literatura está “à mercê dos paradoxos”: paradoxos do verdadeiro na literatura, do imaginário e do real, da técnica e do fundo, da fala e do silêncio, da comunicação e da linguagem; paradoxos do eu: o autor e o homem, escrever e viver.

escolhas operadas pelo poeta francês ao longo de seu trabalho de escrita⁸. Apesar da recusa de uma ideia de evolução da obra, pois não a analisa cronologicamente, Merleau-Ponty descreve uma evolução na atitude de Valéry em relação à linguagem e ao estudo da literatura. Para o filósofo francês, o uso que Valéry faz da linguagem só se compreende quando se considera as fases de sua vida: a juventude, antes de 1892, com a publicação de seus primeiros ensaios e poesias; a fase intermediária, conhecida pelo silêncio poético de Valéry: um momento em que o poeta silencia, entre 1894 e 1917, e se abstém de publicações, devido a uma profunda crise pessoal; e a fase do retorno à condição pública de escritor com a publicação de *La Jeune Parque*.

A crise de Valéry se mostra como ponto de partida para Merleau-Ponty investigar a potência criativa e expressiva da linguagem. Valéry é um crítico dessa “literatura convencional, neoclássica, arbitrária” (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 118), e por isso se torna, para Merleau-Ponty, o escritor convocado à difícil tarefa de repensar tanto a filosofia quanto a literatura: suas possibilidades, seus papéis e até mesmo sua necessidade. De antemão, o filósofo francês reconhece a necessidade de explorar o silêncio de Valéry como renúncia à literatura e à filosofia que, até então, se ancoravam numa linguagem pura, algorítmica, feita de signos transparentes, destinados a se sobrepor e a designar, sem equívocos, coisas, ou melhor, significações já definidas e igualmente puras. Esse ideal de uma linguagem pura fazia dela apenas instrumento para todos os fins, de modo que conservava a pretensão de uma dizibilidade total do real. Valéry então se deparava com a experiência de um impasse no que diz respeito a todo ato de fala calcado na arbitrariedade da linguagem encerrada em si mesma: a “absurdidade da linguagem” (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 91). Essa absurdidade o levará a assumir esse longo período de silêncio que se mostrará latente e fecundo para seu trabalho de escritor, bem como para Merleau-Ponty, que verá nesse silêncio a condição para se chegar a uma fala renovada, instituinte.

Mesmo durante a renúncia à arte dos versos, Valéry continuou a redação de seus *Cahiers* (publicados postumamente), fazendo desse silêncio uma nova fase de sua vida, conhecida como a *NUIT DE GÈNES*. O poeta se faz de morto ao se subtrair do papel de autor, mas não

⁸ As seis lições dedicadas a Valéry são divididas em três partes: 1) “silêncio e poder,” sobre a impossibilidade de escrever; 2) “a literatura cínica,” a propósito da escrita apesar da impossibilidade da literatura; 3) “realidade da poesia,” sobre a prática da linguagem como ultrapassamento dessa impossibilidade (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 93).

do de sujeito solitário da escrita. Tal atitude demonstra justamente que o silêncio seria a expressão de uma crise teórica fundamental, não para aniquilá-lo enquanto homem das letras, mas para desmascarar a impostura de uma prática linguística arbitrária, cujo modelo se inspira nas matemáticas, desconsiderando da linguagem sua ambiguidade, indeterminação, potência criativa. Para Valéry, essa “literatura vive de imposturas” porque acredita ter todas as perspectivas sobre outrem e mantém a ilusão de que autor, como um gênio que é uma aparência, domine sua linguagem em plenitude. A intenção do autor é uma impostura, pois ele acredita que a obra é efeito de circunstâncias definidas. Na verdade, a obra guia as intenções do escritor ao passo que ele se deixa levar pelo movimento de sua palavra. A desconfiança em relação à linguagem está ligada ao fato de essa literatura conservar uma linguagem clara, fadada ao prazer e a obviedade, uma “linguagem em paz consigo mesma” (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 107). A linguagem, nesse caso, seria reduzida à capacidade de enunciar fatos, à palavra de alguém para alguém anunciando acontecimentos e ações, eliminando assim a tensão, a opacidade, o mistério e os paradoxos que lhe envolvem.

Esse ceticismo radical de Valéry em relação à linguagem, adotada tanto na literatura ordinária, quanto na filosofia e nas ciências exatas, contrasta com o rigor, a sinceridade e a responsabilidade que emerge da relação que o escritor mantém com a palavra, dado que ele deve admitir os *poderes* da linguagem que a escrita poética patenteia. O escritor se envolve com sua linguagem e deixa-se guiar por ela, sem nenhuma intenção prévia. Para Valéry, a linguagem da literatura precisa ser uma “linguagem sem objetivo”, uma linguagem que fala para falar, porque “se a vida tivesse um objetivo, ela não mais seria a vida”. É somente a partir de uma responsabilidade assumida em relação à sua própria linguagem que Valéry conseguirá desenvolver sua ideia e sua prática de “literatura como exercício”⁹, escolhendo a poesia como uma forma mais nobre (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 92). Com isso, pela via de uma linguagem poética, ele abre caminho para buscar uma concepção moderna da literatura que se dará a partir de sua articulação com a vida e

⁹ “A literatura só me interessa [...] profundamente na medida em que ela exerce com o espírito certas transformações [...] Posso, certamente, prender-me a um livro, lê-lo e relê-lo com prazer; mas ele só me possui até o fundo se nele encontro as marcas de um pensamento de potência equivalente àquele da própria linguagem [...]. Essa maneira de sentir é chocante talvez. Ela faz da criação um meio [...] ela tende a corromper o prazer ingênuo de crer, que engendra o prazer ingênuo de produzir, o que suporta toda leitura. Se o autor se conhece demasiadamente, se o leitor se torna ativo, como fica o prazer, como fica a literatura?” (VALÉRY, 1957 apud MERLEAU-PONTY, 2013, p. 108). É, no entanto, essa anti-literatura que, para ele, é a Literatura.

com o mundo, do paradoxo e da tensão entre escrever e viver para a resolução desse impasse.

Durante seu período de silêncio, Valéry pôde escrever e reencontrar uma linguagem tornada mais “inumana”, mais vivente do que sua própria vida. O inumano diz respeito ao domínio da sensibilidade, da afetividade, da experiência, da fala, é a região do sensível em que se mistura a consciência e as coisas, *intus et extra*, tornando-se absolutamente inextrincável (ZACCARELLO, 2012, p. 172). Nessa perspectiva Merleau-Ponty compreende a afirmação de Valéry segundo a qual escrevia “por fraqueza” ou por cinismo, “colocando em palavras todas as razões que ele tinha para se desconfiar delas e fundando uma obra sobre a negação de toda obra” (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 63). Seguramente, Valéry pratica uma literatura sem ilusões, dando-lhe justamente por objeto a análise do caos e, em particular, do caos de uma linguagem que se rebela contra quem a quer dócil, contra quem não a pensa. Logo, sua obra só pode ser reconhecida como processo, como resultado de contingências e de fatores exteriores à sua gestação¹⁰.

Merleau-Ponty lê esse impasse da absurdidade da linguagem e, por conseguinte, a experiência do silêncio sob dois aspectos: primeiro, como recusa do funcionamento da literatura enquanto conservação de uma linguagem óbvia, com suas magníficas imposturas, na qual a abstinência de Valéry em publicar faz ver a fecundidade na construção dela mesma ao revelar uma “linguagem conquistadora”; segundo, o silêncio seria apenas o próprio uso da linguagem libertada de sua tarefa de significação imediata, encontrando uma possibilidade de dizer de outro modo, isto é, a linguagem deve ser posta em cheque antes de tentar dizer o que escapa comumente às palavras. Da mesma maneira que o vivido deve passar por uma preparação (um processo) para dar luz à obra, a linguagem deve se submeter à prova do silêncio para se tornar espontânea, criativa. Destarte, ao ver na linguagem tornada mais inumana uma oposição à linguagem operada na literatura e na filosofia até então, Valéry retorna à cena literária, com a publicação da obra *Le Jeune Parque*, pela via da poesia. E a reflexão que Merleau-Ponty faz dessa escolha de Valéry consiste em afirmar que a poesia estaria mais próxima do silêncio e da linguagem conquistadora, porque, num primeiro momento, ela parece nada querer dizer,

¹⁰ “O que é demasiado moderno, demasiado anti-clássico, é essa ideia de uma tensão entre viver e compreender, de uma destruição da vida pelo esforço de compreender. Nada de uma coexistência pacífica do viver e do compreender. Do clássico, Valéry tem apenas a recusa da inspiração, de uma literatura ‘vivente’” (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 85).

e diz como profecia, como surgimento de um sentido que se revela espontaneamente de um silêncio, libertando a linguagem de uma subjugação ao conteúdo.

A distinção entre prosa e poesia: Sartre e Valéry

Se é a poesia que Valéry abandona abstendo-se do papel de autor, será a mesma poesia que lhe permitirá retornar à prática de uma literatura em exercício. Ao retornar pela via da poesia, Valéry é inserido num debate da época acerca de hierarquias entre gêneros literários, qual seja, a distinção entre prosa e poesia, tão presente na obra *O que é a literatura?*, de Sartre. Embora prosa e poesia estejam alicerçadas na mesma linguagem, são dois regimes cujo funcionamento é completamente oposto tanto na visão de Sartre, quanto na de Valéry. Merleau-Ponty constata na obra de Valéry uma oposição entre a linguagem ordinária (prosa) – funcional e heterônoma, que pretende dizer e morre em seu próprio uso – e a linguagem fecunda (poesia) – sensível e sonora, emancipada de toda significação imediata, capaz de renascer indefinidamente (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 109; 120-1). Do mesmo modo, Sartre não admite um paralelismo entre prosa e poesia; enquanto a prosa precisa ser engajada, refere-se a um objeto, implicando a tomada de posição do escritor, a poesia nada diz, encarna na realidade, mas seu sentido se encontra em si mesma. Não se trata aqui somente de uma distinção de forma, mas também de matéria. Todavia, esse debate interessa a Merleau-Ponty justamente para ampliar sua compreensão do uso literário da linguagem. Ao se sentir interpelado pela publicação da obra sartriana, Merleau-Ponty encontrará na escrita poética de Valéry não uma possível resposta a Sartre ou a conservação de uma sobreposição entre o prosaico e o poético e vice-versa, mas o lugar de desvelamento de uma linguagem literária capaz de instituir um novo sentido na história e na cultura, oferecendo à filosofia a condição de recriar e reinventar sua própria linguagem.

Para elucidar melhor essa distinção, note-se que o que guia reflexão de Sartre sobre a linguagem literária, na prosa e na poesia, é a capacidade que cada uma delas tem de clarificar ou tornar obscuras significações que estão além da linguagem. Quer dizer, a medida do êxito ou do revés da literatura é o fato de a linguagem triunfar ou fracassar na clarificação do real. Diferentemente do que defende Valéry, Sartre encontra na prosa algo

eficaz e positivo graças à instrumentalidade da linguagem; já na poesia, ele vê o oposto, dado que a atitude dos poetas visava afastar-se da transitividade da linguagem, estimando aspectos seus que interditam a passagem das palavras às coisas, numa espécie de culto ao insucesso. Essa atitude, para Sartre, fazia da poesia corresponsável pela crise à qual a literatura passava, a ponto de ele a chamar de “câncer de palavras”. Ele credita à poesia o fato de ter tornado a linguagem doente, de considerar as palavras como coisas e não como signos, distante de entendê-la como “linguagem-instrumento”. Segundo Sartre, “a poesia não se serve de palavras; eu diria antes que ela *as serve*. Os poetas são homens que recusam a utilizar a linguagem”. Nesse caso, os poetas são aqueles que não visam uma linguagem como instrumento pela qual se opera a busca da verdade, tampouco pretendem discutir o verdadeiro ou dá-lo a conhecer; eles não aspiram nomear o mundo, pois isso implicaria um sacrifício do nome ao objeto nomeado; não falam, nem se calam: “trata-se de uma outra coisa” (SARTRE, 2015, p. 19). O poeta está fora da linguagem, vê as palavras do avesso, como se não pertencesse à condição humana, e, ao dirigir-se aos homens, encontra a palavra como uma barreira, um limite (SARTRE, 2015, p. 20). A consequência de tal atitude é o silêncio ou quietismo dos poetas, os quais se contentam apenas em modificar a linguagem, restringindo-se aos limites da ficção.

Por outro lado, Sartre reconhece o privilégio da prosa ao nomeá-la de “utilitária por essência” e o “prosador como um homem que se serve das palavras;” o escritor (*prosador*) “é um falador, designa, ordena, recusa, interpela, suplica, insulta, persuade, [...] fala para não dizer nada” (SARTRE, 2015, p. 26). Na linguagem da prosa, a função das palavras é servir de *meio* cuja finalidade é ser designação de objetos; o escritor se inscreve nessa linguagem, sendo ela um prolongamento dos seus sentidos e um momento particular da ação e não se compreende fora dela. Falar é agir; falando, o escritor engaja-se um pouco mais no mundo e, ao mesmo tempo, passa a emergir dele um pouco mais, já que ele o ultrapassa na direção do porvir (SARTRE, 2015, p. 28). O escritor “engajado” sabe que a palavra é ação, sabe que todo desvendamento implica mudança e só se pode desvendar o mundo quando se é tencionado a mudar. Seu objetivo é “desvendar o mundo e especialmente o homem para os outros homens, a fim de que estes assumam em face do objeto, assim posto a nu, sua inteira responsabilidade” (SARTRE, 2015, p. 30). Uma vez engajado no universo da linguagem, não pode mais fingir que não sabe falar, e, mesmo sendo o silêncio um momento da linguagem, o ato de recusar-se a falar ainda é falar. Por mais que se questione o fato de o escritor ter dito sobre isso e não sobre aquilo, para

Sartre, o escritor é aquele que decide dizer certas coisas de determinado modo. De certa maneira, Valéry parece encarnar o drama que Sartre chamou de “crise poética”, no sentido de uma despersonalização do escritor diante de suas próprias palavras, ilustrando, talvez, o fato de Sartre relegar a poesia a um papel subordinado à prosa, mantendo viva a hierarquia entre gêneros literários.

Em contrapartida, Valéry mantém predileção pela poesia, pois, enquanto a prosa se assimilava ao uso ordinário da linguagem – diria respeito ao mau uso da linguagem e era fundada sobre a ilusão de sua própria transparência, de sua funcionalidade objetiva –, a poesia seria um regime de linguagem que nada diz, que não ambiciona veicular uma mensagem previamente definida e, ao mesmo tempo, é inegavelmente significativa, expressiva, capaz de conter sua própria verdade. A existência dessa linguagem na poesia mostra justamente a sua vitalidade no uso literário e a possibilidade de a palavra sobreviver à tentação da absurdidade. Por isso, para Valéry, “a poesia é uma linguagem ‘em estado nascente’ e a linguagem é toda carregada por uma poesia, ela é obra-prima das obras-primas” (VALÉRY, 1957 apud MERLEAU-PONTY, 2013, p. 129). O que constitui a “essência da linguagem poética é que ela não se apaga diante do que nos comunica, é que nela o sentido reclama as próprias palavras” (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 265), e longe de pretender estabelecer uma relação direta entre conceito e coisa, a poesia é uma expressão quase corporal, “exprime-se como a voz das coisas”, como grito que estranhamente se assemelha ao silêncio das coisas e “faz ver por palavras” (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 138). Na poesia, há intimidade, quiasma, encontro não arbitrário entre som e sentido, como a harmonia dentro de um ruído, uma linguagem mais capaz de expressividade dentro da linguagem. A poesia se distingue absolutamente porque “é uma linguagem que tenta se voltar ao mundo da expressão pré-linguística ao invés de refugiar-se no universal”, de modo que “se ela consegue significar ou se chega a um tipo de universal, é por meio de uma relação completamente diferente do signo com sentido, por uma relação paradoxal: ela esboça a junção da existência muda e do sentido, ‘a poesia não será morta por seu sentido’” (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 120-121)¹¹.

¹¹ “A poesia é o ensaio de representar, ou de restituir, pelos meios da linguagem articulada, as coisas ou essa coisa que tentam obscuramente exprimir os gritos, as lágrimas, as carícias, os beijos, os suspiros, etc., e que parecem querer exprimir os objetos, naquilo que eles têm de aparência de vida ou de desígnio suposto. Essa coisa não é definível de outro modo. Ela é da natureza dessa energia que se desgasta para responder o que é...” (VALÉRY, 1957 apud MERLEAU-PONTY, 2013, p. 94).

O passo além de Merleau-Ponty: Valéry e a concepção moderna de linguagem

Diante desse debate, Merleau-Ponty avançará, portanto, ao ampliar o conceito moderno de poesia sustentado por Valéry, apoiando-se na concepção “diacrítica” dos signos, na qual o sentido se distingue da significação. O filósofo francês compreenderá como a linguagem poética de Valéry pode revelar a verdadeira natureza da linguagem – e, notadamente, a plasticidade conquistadora da experiência –, sua capacidade de ser a morada do sentido. Desse modo, ele ultrapassa o ceticismo do poeta em relação à linguagem quando sugere que o uso literário da linguagem faz o signo ir na direção de um horizonte da experiência, permitindo-lhe emancipar-se de toda verdade como correspondência, de toda linguagem algorítmica. Tal ultrapassamento só é possível graças à noção de “diacriticidade” que Merleau-Ponty toma emprestado de Saussure: o signo é de imediato diacrítico, o sentido nasce à borda dos signos, depende do movimento espontâneo deles para se formar e, simultaneamente, os signos precisam ser “unidade de coexistência” para constituírem sentido em um processo de diferenciação¹². Esse recurso à teoria saussuriana, que parece faltar na teoria sobre o uso da linguagem em Sartre, servirá como estrutura para Merleau-Ponty avançar na afirmação de uma interioridade e opacidade na linguagem, além de uma dimensão histórica e ontológica.

A novidade de Merleau-Ponty ao ampliar o conceito moderno de poesia reside na torsão que ele opera nesse elemento da distinção entre prosa e poesia. Sua atitude faz dessa dicotomia mais uma diferenciação entre duas modalidades de linguagem do que uma oposição entre gêneros literários. Para ele, o único papel privilegiado da poesia é o de resgatar a linguagem inteiramente de usos instrumentais, clarificados. Por isso, a experiência da poesia em Valéry abre caminho para toda uma literatura mais consciente de seus próprios paradoxos linguísticos, uma vez que estes são importantes para acentuar a diferença entre a época moderna e a época clássica, e também porque esse uso da linguagem pode ser atribuído agora a todo gesto linguístico. Quer dizer, toda palavra pode ser usada poeticamente e qualquer um pode explorar sua plasticidade, tornando-a

¹² “É a relação lateral do signo com o signo que torna ambos significantes, o sentido só aparece na intersecção e como que no intervalo das palavras” (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 42).

suscetível de mudar a relação que cada escritor ou filósofo mantém com sua própria experiência. Essa torsão permite uma maior liberdade linguística, já que não se pode orientar, nem limitar a liberdade de outrem de interpretar essa fala nos termos de sua própria experiência vivida, assim como nunca se sabe como essa fala será recebida pelo seu interlocutor. Do mesmo modo, oferece à filosofia uma linguagem indireta, oblíqua e diacrítica, cuja potência criativa excede o modo de significação direta e arbitrária.

A fronteira estrita que Valéry queria preservar entre prosa e poesia é assim ressignificada por Merleau-Ponty, já que a caracterização da poesia – não somente dela, mas de todo gesto linguístico – é a experiência da unidade de todos os elementos do mundo “por ligação total e lateral” (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 134). Isso é próprio de toda expressão bem-sucedida, cuja poesia é apenas um instrumento mais agudo dessa experiência que está ao fundo daquela “do mundo em sua unidade pré-lógica”, exprimir o sensível-mudo que é senão apelo à fala (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 135). Nesse aspecto, cada vez mais a análise de Merleau-Ponty enfatiza o caráter indireto de uma linguagem que porta seu próprio fim, sua moral e sua justificação. Como observa Kristensen, Merleau-Ponty demonstra que Valéry se utiliza da linguagem poética “para fazer ver o aparecer da coisa como uma essência, como um representante emblemático de uma certa maneira de ser” (KRISTENSEN, 2014, p. 337); ou, nas palavras de Merleau-Ponty, “a voz de Valéry é aqui essa maneira de decifrar o objeto de ser com ele” (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 140). O poeta é capaz de reencontrar uma linguagem em estado nascente na própria linguagem estabelecida, e a justificação de sua poesia reabilita a palavra em seu uso criador, abrindo caminho para uma dimensão ontológica da linguagem, que será estudada nos últimos escritos de Merleau-Ponty. Ao escritor, poeta, filósofo, cabe-lhe apenas instalar-se na linguagem e viver nela, rejeitando a ideia de ser uma subjetividade enquanto pura consciência para se tornar um “animal de palavras”¹³ que mantém uma relação com mundo e os com os outros (MERLEAU-PONTY, 1968, p. 27).

¹³ “Assim como o corpo, esse ‘animal de palavras’ é um mistério, um milagre, um enigma, pois sua espessura e seu peso lhe vêm do fato de ser um resultado de uma dobra, de ser *implexo* capaz de revelar alguma coisa simplesmente escondendo uma parte de sua própria virtualidade. [...] Esse animal de palavras, quimera formada pela superposição dos implexos, pela sedimentação dos campos de experiência e de expressão ao mesmo tempo, é então uma criatura coletiva, que cada um é chamado a domar, e que animará uma infinidade de vidas futuras” (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 37. Prefácio).

Assim, as notas do curso *Recherches sur l'usage littéraire du langage* dão a ver essa ênfase posta sobre a animalidade da linguagem, a saber, sua organicidade, sua união mística entre o som e o sentido¹⁴, sua diacriticidade, mas também sua vida própria: “é necessário deixar viver a linguagem e se deixar viver nela” (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 76). Ou seja, é nesse habitat que ela se revela como horizonte intersubjetivo, porque faz ir ao encontro da subjetividade de outrem. A sonoridade da palavra toma, em suma, a forma de uma materialidade carnal e vivente da linguagem. Nesse ponto, a linguagem é mistério, enigma, pois é dotada de espessura, dobra, e, ao passo que revela sua virtude, também a esconde, sendo impossível revelar-se completamente.

Portanto, Merleau-Ponty oferece uma leitura mais ampla da noção de poesia de Valéry assimilando-a à linguagem conquistadora, falante. E Valéry parece encarnar um trabalho sobre a escrita sensível que a filosofia é convidada a realizar, além de lhe fornecer a imagem de que seu renascimento possível, através dessa nova linguagem. Ademais, o silêncio de Valéry e a admissão da publicação de sua obra póstuma são a abertura à infinitude, à certeza de que manterá com a posteridade um diálogo, um convite constante ao exercício crítico e lúcido, permitindo-lhe reinscrever toda sua obra na perspectiva de um diálogo aberto com tradição (passado e futuro) e não somente com seu presente, uma vez que a linguagem institui o sentido da obra na história e na cultura. Por fim, essa leitura criteriosa de Valéry revela a expressividade e espontaneidade da linguagem, revela também que o movimento da expressão literária não é distinto daquele da vida que o escritor leva; um “movimento que se faz no interior da própria vida que se vive” (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 149), assim como o trabalho do autor que consiste na criação de um aparelho expressivo, de seu estilo, que se nutre de sua vida e se deixa guiar pela singularidade de sua voz, singularidade que ele só poderá constatar posteriormente.

¹⁴ Valéry admite uma união mística ou do som e do sentido na poesia ou “intimidade profunda” deles na linguagem. Merleau-Ponty se apoia na doutrina de Saussure da relação entre signo e significado para mostrar que em Valéry há um esboço de uma teoria da expressividade (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 129). A união do som e do sentido define todo exercício da fala enquanto ela modifica o equilíbrio global do sistema linguístico para argumentar suas possibilidades de expressão. “A união mística é fundada de fato, não porque se trata de unir conceito e fenômeno sonoro, mas de diferenças de significações e diferenças de signos, e porque a fala como sistema em via de diferenciação pode fornecer diagrama de sentidos em via de diferenciação” (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 127).

REFERÊNCIAS

KRISTENSEN, S. Valéry, Proust et la vérité de l'écriture littéraire. In: Merleau-Ponty et autres institutions de la vie. *Chiasmi International*, vol. 9, Paris: VRIN, 2007. p. 331-351.

MERLEAU-PONTY, M. *A Prosa do mundo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2012.

_____. *Conversas -1948*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Éloge de la philosophie et autres essais*. Paris: Gallimard, 1953.

_____. *Parcours deux*. Lagrasse: Verdier, 2000.

_____. *Recherches sur l'usage littéraire du langage*. Cours au Collège de France Notes, 1952-1953. Genève: MetisPresses, 2013. (Prefácio de Benedetta Zaccarello).

_____. *Résumés de cours: Collège de France 1952-1960*. Paris: Gallimard, 1968.

_____. *Sens et non-sens*. Paris: Nagel, 1996.

_____. *Signos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

SANTOS JÚNIOR, I. F. *A literatura na filosofia de Merleau-Ponty: uma leitura do período intermediário de seu pensamento*. 2020. 133f. Dissertação (Mestrado). Instituto de Filosofia, Arte e Cultura. Departamento de Filosofia. Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2020.

SARTRE, J.P. *O que é a literatura?* Petrópolis: Vozes, 2015.

VALÉRY, P. *Oeuvres I*. Paris: Gallimard, 1957.

_____. *Oeuvres II*. Paris: Gallimard, 1960.

ZACCARELLO, B. Le doute de Valéry. Pensée, existence, écriture dans les Recherches sur l'usage littéraire du langage. In: ALLOA, E.; JDEY, A. *Du sensible à l'oeuvre: esthétique de Merleau-Ponty*. Bruxelles, La lettre volée, 2012. p. 161-183.

_____. Valéry théoricien de la littérature selon Maurice Merleau-Ponty, *Fabula Les colloques*, Paul Valéry et l'idée de littérature. Disponível em <<http://www.fabula.org/colloques/document1422.php>>. Acesso em: 29 jun. de 2020.